



REDACTOR PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
EDITOR — **JOAQUIM CARDOSO**

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º  
Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: **Talhaba** — Lisboa — Telefone 5339

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

**C. G. T.**

## Na reunião de ontem do Conselho Confederal

foi apreciada a recente nota oficiosa do Comité que foi publicada por resolução unânime dos seus membros

### A U. S. O. de Lisboa rejeita a nota oficiosa da C. G. T. — A reunião foi suspensa para prosseguir pelas 14 horas de domingo

Reuniu ontem pelas 21 horas o Conselho Confederal da C. G. T.

A sessão foi presidida por Alberto Monteiro.

A discussão devia incidir sobre a nota oficiosa que o Comité Confederal fez publicar em A Batalha de domingo passado.

Foi concedida a palavra a Manuel Joaquim de Sousa, secretário geral da Confederação Geral do Trabalho, que diz que era já intenção do Comité apresentar a nota oficiosa ao Conselho, o que não fez devido a outros trabalhos.

Como o não pudesse fazer resolveu apresentá-la depois de publicada e dar as necessárias explicações. Lê em seguida a referida nota.

Em seguida lê também um ofício da U. S. O. de Lisboa no qual se diz que este organismo rejeitou a nota, e um telegrama da U. S. O. do Porto aprovando a doutrina da nota oficiosa.

Diz que o Comité apresenta a nota ao Conselho, consciente de que defende os princípios que orientam a acção sindical.

Vitor Martins, delegado da U. S. O. do Seixal, extrai da nota o seguinte: «A acta ao Comité. Diz que se este não apresentou a nota ao Conselho foi com medo que não agradasse a alguns delegados».

Pede ao presidente para lhe dizer que delegados faltaram. O presidente responde que faltaram os delegados da U. S. O. de Beja, de Ovar, Federação dos Rurais, Empregados dos Correios e Telegrafos e Arsenalistas.

Vitor Martins, continuando, diz que no Café Colonial lhe disseram que um delegado ao Conselho dissera que os sindicalistas do Partido Comunista tinham que definir a sua situação. A C. G. T. foi a primeira a provocar o Partido Comunista. Acrescenta que no dia em que foi feita a nota oficiosa, o Comité não reuniu.

O presidente da mesa, fazendo parte do partido comunista, pergunta ao Conselho se lhe merece confiança. Todos lhe concedem essa confiança.

**Os oradores não devem invocar senão a sua qualidade de representantes operários — diz Miguel Correia**

Miguel Correia diz que o Conselho não tem de saber se os membros do Conselho pertencem ou não ao partido comunista. Ali havia representantes de organismos operários e mais nada.

Requer que todos os oradores se sinjam ao assunto, não evocando senão a sua qualidade de representantes operários.

O requerimento foi aprovado. Carlos Araújo propõe que se realize a sessão numa sala mais ampla, o que foi aceite, continuando a sessão na aula de desenho da Construção Civil.

Pede, o mesmo orador, que fosse lida a acta da sessão do Comité.

Manuel Joaquim de Sousa lê a acta.

**A nota oficiosa da C. G. T. veio dar vida ao Partido Comunista — O receio da desunião do operariado — O que fazem os anarquistas?**

Carlos de Araújo, depois de ouvir a leitura, declara não ter paixão pelo assunto. Vai discutir o caso com toda a tranquilidade.

Diz que, como alguns membros do Comité confederal não viam com bons olhos a fundação do partido comunista, aproveitaram a primeira ocasião para dar um golpe no partido. Os indivíduos que estão na luta sindical tem toda a liberdade de ingressar no Partido Comunista desde que deixem a porta dos sindicatos as suas opiniões políticas.

Os indivíduos que estão no Comité sabem muito bem que não se podia chamar videntes a indivíduos que fazem parte do Conselho.

O Comité confederal que assina a nota não teve conhecimento do conteúdo da mesma porque apenas determinou que a nota se fizesse, não a redigindo. Afirma ainda que esses camaradas que apoiam as ideias de Bakunin, que apareceram há 70 anos e são contra a ditadura, não tiveram medo de exercer ditadura, porque a nota foi escrita em ditadura.

A nota tem um aspecto: é o de provocar a desagregação das forças revolucionárias e fazer cair a Confederação Patronal.

O outro aspecto é o de ter a nota dado mais vida ao Partido Comunista em 24 horas do que todos os militantes do partido a falar por todos os cantos.

O que o entristece é a burguesia poder dizer agora que sou a hora de cair sobre o operariado, porque este se encontra dividido.

Tinha, de facto, a C. G. T. de elaborar uma nota pública mas não com aquela redacção. Se se dissesse que a C. G. T. fiel aos seus congressos, se encontra indiferente perante um novo partido político e que os militantes operários deviam intensificar o seu trabalho sindical estava bem. Lembra que, quando o partido de Machado dos Santos lançou um manifesto di-

zendo que colaborava com a C. G. T., esta não fez nota oficiosa de nenhuma espécie. Perante a formação de novos núcleos anarquistas, pergunta o orador em quantas fracções se pretende dividir o proletariado. Pergunta, ainda Carlos de Araújo, porque é que esses indivíduos, os anarquistas, que podem fazer coisas mirabolantes, não veem colaborar com as forças revolucionárias que expõem a sua vida na luta.

Os comunistas em Portugal — afirma — defendem — a — trancura — a — revolução russa. Pergunta, porém, onde está a obra executada por esses camaradas anarquistas melhor do que o que está na Rússia. Por fim diz que está convencido de que o Conselho, composto por elementos sindicalistas, quer a coesão a união do proletariado, e que dum próximo conselho há de sair uma nota onde gregos e troianos possam colaborar.

**Fala Manuel Afonso, delegado da U. S. O. do Porto — A nota foi publicada por resolução unânime do comité**

Segue-se o camarada Manuel Afonso no uso da palavra dizendo que fala mais como membro do comité do que como delegado. As declarações feitas por Carlos Araújo e Vitor Martins — afirma — são absolutamente falsas.

O manifesto do P. C. P. foi apreciado na reunião do comité. Ele, na qualidade de representante da U. S. O. do Porto, levantou a questão na reunião do comité. O comité discutiu o manifesto e por unanimidade foi resolvido que se publicasse a nota oficiosa publicada na Batalha. Diz que o camarada Carlos Araújo mente conscientemente quando afirma que a nota foi feita no sábado à tarde. Garante ao Conselho, pela sua palavra de homem, que a nota foi escrita anteriormente, na sessão do comité.

Disse ao secretário geral que o adiamento da publicação da nota fá-la perder a oportunidade, como que este concordou. Por isso se publicou na Batalha de domingo.

Basando-se no estatuto confederal, que manda que o comité resolva todas as questões urgentes, afirma que o comité não saiu fora das suas atribuições.

Admirase que o conselho se apresse a fazer críticas sobre uma nota quando se tem publicado pareceres de maior responsabilidade antes do Conselho se pronunciar sobre eles e o Conselho não entender que o comité procedia mal.

Só agora com a publicação da nota oficiosa alguns delegados entenderam que o comité não cumprira o seu dever. Ele e o comité entendem porém o contrário.

Por momentos julga-se numa assembleia magna de militantes, discutindo princípios e não numa reunião do Conselho Confederal.

Não está exprimindo as suas ideias pessoais mas sim discutindo factos. Não lhe interessa a propaganda do partido comunista, interessa-lhe antes saber se os princípios que a nota proclama são ou não aqueles que o congresso de Coimbra aprovou.

Havendo elementos que dizem ter dado à causa revolucionária o seu esforço, pergunta porque negam a organização capacidade revolucionária e administrativa.

Negar a capacidade administrativa e revolucionária à organização sindical é cair numa contradição.

J. Carlos Rates, que deve estar solidário com o manifesto, pois faz parte do referido partido, foi dos que defenderam o Debate de Opiniões, em artigos sucessivos, a capacidade revolucionária e administrativa da organização operária.

**Volta a falar Carlos de Araújo, lastimando não saber a opinião do organismo que representa**

Em seguida o camarada Grilo, do comité, diz ter assistido à reunião e estar de acordo com a nota.

Manuel de Figueiredo faz declarações no mesmo sentido.

Carlos de Araújo, que fala novamente, diz que vai provar que as suas afirmações não são falsas.

Pergunta por que razão não se apresentou a nota ao Conselho, que reuniu na segunda-feira. Cre que 24 horas de atraso não fariam perder a oportunidade. Declara que se está sempre a bater na ditadura, e agora pergunta se o comité, não trazendo a nota ao Conselho, fez ou não ditadura.

Sobre a capacidade administrativa, diz que perante a desagregação de alguns sindicatos, prefere mil vezes a sociedade burguesa. Prova-se que até hoje o sindicalismo ainda não teve capacidade administrativa nem revolucionária.

Tem pena de não saber a opinião do organismo que representa.

Neste momento é interrompido por grande hilaridade de alguns delegados. Há apêndices. Ouve-se:

— Um delegado que não conhece o critério do organismo que representa... Restabelecido o sossego, o orador pergunta a Manuel Joaquim de Sousa

se ele sabe, por sua vez, a opinião do organismo que representa.

Manuel Joaquim de Sousa pede ao secretário geral da Federação de Calçado, Coudros e Peles que diga a opinião da Federação. Este diz que a Federação concorda com a nota oficiosa.

Neste momento chegou à mesa o telegrama da Junta do Norte da Federação dos Empregados do Comércio, que noutro lugar publicamos.

Carlos de Araújo continua no uso da palavra. Ignorando o critério do organismo que representa, diz, no entanto, que não tendo recebido nenhum telegrama solidarizando-se com a nota, é porque esse organismo está com as suas afirmações.

Diz que é preciso muita cautela com este assunto, porque há já vários sindicatos que desejam desagregar-se. É preciso que estas sessões saiam a unificação do proletariado. E reserva-se para fazer mais tarde mais considerações sobre a nota.

**Manuel Joaquim de Sousa afirma que o critério da nota oficiosa é o estabelecido no Congresso de Coimbra**

Manuel Joaquim de Sousa volta a falar.

Quer passar uma leitura à parte que dizem querer os membros do partido comunista.

Pergunta se os militantes operários tem ou não combatido sempre a intromissão de política na organização. Pergunta se ou não verdade sempre ter defendido a acção económica e social dos trabalhadores independentemente de partidos se é ou não verdade a organização operária em Portugal ter defendido o espírito federalista, repudiado a colaboração de classes e repudiado ainda a colaboração do operariado com elementos oficiais.

Diz que a nota não chama videntes aos membros do partido comunista.

E é a parte da nota oficiosa referente ao assunto.

Depois diz que, toda a vida, os militantes operários se defenderam da intromissão de individualidades políticas. Ninguém como ele, Manuel Joaquim de Sousa, foi perseguido por esses elementos políticos. Quizeram assassinar-lhe a física e moralmente.

Se agora, depois de toda a vida ter lutado contra os videntes da política, fosse defender critério diferente seria crime que a sua consciência repudiaria.

Se a Internacional caiu foi devido à entrada dos videntes da política que formaram em todos os países os partidos social-democratas.

Propõe-se, ele, orador, manter íntegro o seu critério revolucionário.

O critério estabelecido na nota, é o mesmo critério que o Congresso de Coimbra delimitou.

Carlos Freire, que fala a seguir, diz estar de acordo com a nota porque ela segue o que preceitua o Congresso de Coimbra.

Por ir a hora adiantada, pois era meia noite, foi interrompida a sessão, que reabrirá no próximo domingo às 14 horas.

**A falta de água**

**O director da Companhia das Águas fará hoje uma conferência na sede da U. S. O.**

**O público deve comparecer**

Reunindo hoje, pelas 21 horas, o conselho de delegados, para tratar da momentosa questão da escassez de água, e como o sr. Carlos Pereira, director da Companhia das Águas, vem a esta reunião expor a sua opinião sobre o assunto, a União dos Sindicatos Operários pede também a comparecência do operariado de Lisboa e do público em geral, na calçada do Combro, 38-A, 2.º

**Organização do Sindicato Unico da Indústria de Veículos**

Sob a presidência de Lino José Correia, pintor, secretário por José Rodrigues, carpinteiro, e Pedro Marques Silva, ferreiro, reuniram na terça-feira os operários da indústria de veículos, para discussão dos estatutos para a constituição do sindicato de todos os especializados neste ramo de indústria.

Sobre a unificação de toda a classe falam Francisco Rodrigues Vaz, Pedro Carneiro, Idalino Silva e Jaime Martins, os quais expuseram as vantagens da união de todos os operários construtores de carros, trens e carrocerias, para a defesa em comum dos seus interesses.

Depois de prolongada discussão todos os camaradas foram aprovados os novos estatutos.

## Os que falam livremente

O sr. Raul Brandão entende que a república foi uma mistificação

Trancemos parte duma entrevista que o ilustre escritor, sr. Raul Brandão, teve como um redactor da cidade, do Porto.

Como anunciámos em tempos o sr. Raul Brandão também pertence ao grupo Seara Nova, cujo programa publicamos também. Mas, dando o caso de Raul Brandão, autor de *Farja*, de *El-Rei Junot*, e outras obras do valor, não pertencer ao referido grupo, onde estão filiados o dr. sr. Jaime Cortezão, Faria de Vasconcelos, Ferreira Macedo, Aquilino Ribeiro e outros, a sua maneira de pensar em face da política, do momento social que passa, condiz perfeitamente com as linhas gerais do programa do Seara Nova.

Escutemos, pois, o que disse o sr. Raul Brandão ao reporter da Cidade:

— Nunca votei. A política mete-me nojo. Hei-de despedir-me com saudades do passado, mas não do futuro com negrão. Estou a não servir. Quero Medusa, que liquidem todos os oligarcas, tanto a política como a económica. Não sou partidário da revolução, mas quero ardentemente que se camilhe para o futuro.

Depois interrompe-se por momentos. A sua frente iluminam-se, alarga-se e os olhos fazem-se-lhe mais azuis... E reatando: — A República tem já mais erros do que a Monarquia!

Interrompo-o para lhe falar da República. Não hesita na resposta. Serenamente ainda continua:

— Entendo que a República foi uma mistificação. O povo português era idealista. Aceitava a suposição que ele se aproximava de Deus. O contrário, por isso é que tem longe andam um do outro. O povo português era idealista e a República tem sido de todos os menos de todo o seu desejo.

«A República tem já mais erros do que a Monarquia!»

«Na primeira revolução, em cinco de outubro, o povo defendeu os bancos. Hoje dar-se-ia o contrário, hoje atacá-los-ia».

Novamente se interrompe e fica a lembrar velhos tempos, velhas saudades.

Por acaso voltamos a falar das eleições. Raul Brandão continua na sua crítica:

— As eleições fizeram-se para os outros. Agora, como na monarquia, vence sempre quem não tem poder. Antigamente eram os caciques monárquicos que levavam o povo às urnas. Hoje são os caciques republicanos...

Alguns só mudaram de partido, tem os mesmos os mesmos interesses...

Raul Brandão sorri e continua:

— As eleições em Portugal foram sempre assim. Até nos grandes meios se faz caciquismo!

E terminando, como quem se despede dum mau amigo:

«isto é de tal maneira miserável que todos os homens que tem dentro de si algum idealismo, por pouco que seja, cada vez se afastam mais da política, dessa política que a Portugal está sujeita».

Oxalá todos os intelectuais aprendam a falar com o mesmo desassombro.

**Repressões na Tchecoslováquia**

A fracção comunista no parlamento de Praga interpelou o governo sobre as repressões contra os operários. Depois da greve de Dezembro, foram presos mais de 3.000 operários. O terror exercido-se com mais violência na Eslováquia, onde cerca de 1.000 militantes foram presos após a greve agrícola.

**"A Imprensa Livre"**

Sai hoje o primeiro número do novo diário da manhã *A Imprensa Livre*, dirigido pelo nosso amigo dr. Campos Lima.

**A organização operária e o Partido Comunista**

**A Junta do Norte da Federação dos Empregados do Comércio dá o seu apoio à nota oficiosa do Comité Confederal**

PORTO, 20 — T. — A União dos Sindicatos Operários do Porto, reunida em sessão federal, protesta unânime e veementemente contra as afirmações do manifesto do Partido Comunista Português, bem como contra a tentativa de enfeudamento da organização a qualquer facção política, solidarizando-se com o Comité Confederal e com a doutrina da sua nota oficiosa. — Pela U. S. O., *Carvalho*, secretário geral.

**A União dos Sindicatos Operários do Porto repele toda a tentativa de enfeudamento da organização a qualquer facção política**

PORTO (S. Bento), 20 — T. — A Junta do Norte da Federação dos Empregados do Comércio, identificada com a nota oficiosa do Comité Confederal, saúda os camaradas defensores da organização sindicalista. — *Pinheiro*

**No país dos "soma-tenes"**

Atentado contra o presidente da Patronal de Ferrol

MADRID, 18 — Ao sair do teatro, acompanhado de sua cunhada, foi atacado a tiro o camarista, presidente da Patronal de Ferrol, D. Nicasio Perez, que recebeu uma bala no peito, outra na cabeça e outra na perna direita. O atentado deu-se em frente à Capitania Geral. Transportado à Casa de Socorro, o sr. D. Nicasio Perez faleceu pouco depois rodeado da sua família.

D. Nicasio Perez, cujo funeral já se realizou, era vice-consul da Itália, do Portugal e da Noruega, sendo também agente das companhias Lloyd Inglês, Transatlântica e Mediterrânea.

## O Terceiro Congresso da Internacional Comunista

Uma tese de Zinoviev sobre «A luta contra a Internacional de Amsterdam»

Zinoviev demonstrou que a Internacional amarela não é mais do que um instrumento da burguesia, a qual, para manter o seu domínio, se utiliza dos socialistas traidores para enganar o povo. Se não fosse a traição destes últimos o proletariado já há muito tempo teria alcançado a vitória. Os chefes da Internacional amarela pregam ao sindicalismo político, prestando deste modo um útil serviço à burguesia. A luta contra Amsterdam deve constituir uma das tarefas mais essenciais do proletariado revolucionário.

Operárias, constatu que durante o último ano a Internacional Comunista obteve notáveis sucessos neste sentido. É preciso que o Terceiro Congresso sublinhe mais uma vez a necessidade de aproximar as massas do partido. Em seguida, mostramos os perigos de acções prematuras. Os elementos da esquerda que querem arrastar para combates prematuros os jovens partidos comunistas, constituem um perigo para a Terceira Internacional, que se deve defender, ao mesmo tempo, contra os oportunistas, agentes da burguesia.

Um dos delegados alemães declarou que a Alemanha se encontra na véspera de novos combates revolucionários. A baixa da produção e a falta de trabalho produzirão fatalmente a recrudescência do movimento revolucionário. A greve geral, que não tardará a ter realidade, terá o mesmo alcance que um levantamento armado. A maior parte dos comunistas alemães reconhecem a necessidade de preparar o proletariado alemão para novas lutas.

Trótski tratou da tática revolucionária. A teoria da ofensiva a todo o custo não é da doutrina marxista. Não existe partido político que seja mais radical que o comunista. Mas, embora entendendo que devemos de lutar e tirar de cada situação o máximo de proveito, devemos contudo garantir a nossa vitória e consolidar as nossas conquistas.

É preciso observar a sangue-frio as nossas forças e as do inimigo e examinar minuciosamente a situação de cada país.

Só onde as circunstâncias o permitirem ou mesmo o exigirem, é que se deverá iniciar o ataque.

É esta a opinião que reflectem as teses apresentadas no congresso.

Na sessão de 5 de Julho, Lênine expôs a situação interior e exterior da república soviética.

Alexandre Kolontai e Bucarine desenvolveram algumas ideias, que, debaixo de certos pontos de vista, são opostas às de Lênine. O congresso aceitou os pontos de vista de Lênine, cujas teses foram adoptadas.

**Máximo Gorki**

virá em breve a Londres?

LONDRES, 20. — Julga-se saber que Máximo Gorki virá em breve a Londres. O célebre escritor russo está encarregado de uma missão especial por parte dos Soviéticos. — *Rádio*.

**Universidade Popular Portuguesa**

Na sede desta instituição, em Campo de Ourique, continua hoje o dr. sr. Faria de Vasconcelos a série das suas conferências sobre *Educação das Famílias*, sendo esta a 18.ª. Começa às 21 horas e a entrada é pública.

**Vai ser elevado o custo do pão?**

O pão de segunda voltou a ser intragável. É escuro, esborra-se, a farinha é áspera, tem sabor azedo e cheiro bafo. Uma porcaria, em suma.

O pão de primeira, esse está famoso mas não é para a boca dos pobres. É fino manjar que só aos ricos é dado saborear.

Coisas deste regime de igualdade, fraternidade, etc...

E anuncia-se já para aí que o custo do pão vai ser elevado.

Mas, então, a melhoria do câmbio? O empréstimo dos 50.000 dólares? A indemnização dos alemães? O barateamento da vida?

Sim, senhores. Não há dúvida que a vida está mais barata. O quê? Há quem duvide? Pois vá à Praça da Figueira e verá como já compra uma dúzia de carapaus do gato a quatro tostões, uma dúzia de peras a dois mil réis, um pinto a dois mil e quinhentos...

Uma barateza como nunca se viu. E deixem sair os americanos que então é que a coisa baixa. Até lá, tenham paciência em ir pagando os generos mais caros. Demais, como dizem ali os de *A Opinião*, que não moram na rua da Boa Vista mas são de Ovar, o encarecimento dos generos «será largamente compensado com o aluvião de dólares em bom ouro que a guarnição da esquadra veio espalhar entre nós».

Pois está visto que sim. Apenas os de *A Opinião* se esqueceram de dizer quem será largamente recompensado: se somos nós, que vamos pagando os generos mais caros, se os comerciantes que vão arrecadando o que nós lhes damos a mais. Se calhar somos nós. E ainda nos queixamos! Mas que estúpidos somos!

Vivam os dólares americanos!

**Um julgamento**

O camarada Arsénio José Filipe é absolvido

Como noticiámos, efectou-se na terça-feira o julgamento do camarada Arsénio José Filipe, que há dois anos se encontrava preso como suposto implicado num atentado contra o industrial Alfredo da Silva, no largo das Cortes, em 18 de Junho de 1919.

Ouidas as testemunhas de acusação e lidas as deprecadas das que não estavam presentes, e apreciado o que do processo constava, apurou-se a nenhuma culpabilidade do acusado em tal caso, pelo que o delegado do procurador da República pediu a sua absolvição, lamentando que permanecesse dois anos na prisão, quando contra ele nada se prova do que o acusavam.

A defesa esteve a cargo do nosso amigo Dr. Sobral de Campos, advogado do Conselho Jurídico da C. G. T., que produziu um admirável discurso.

Como era de esperar, o camarada Arsénio José Filipe foi absolvido.

E assim se priva da liberdade um homem durante tanto tempo, para ao fim de dois anos se reconhecer que culpa alguma tinha no caso de que era acusado.

## U. S. O.

Conselho de delegados

Novamente reuniu anteontem, sob a presidência de Raúl Machado, delegado do sindicato dos Fotógrafos, secretário por Aristides Ferreira Baptista, delegado dos Manufatores de Calçado, e Domingos Pereira, delegado dos Manipuladores de Pão.

Depois de lida a acta da anterior reunião, é apreciado o expediente, que apenas consta de um ofício da C. G. T., e outro da Escola de Ensino Livre da Secção do Alto do Pina do S. U. da Construção Civil, convidando a União a fazer-se representar na sessão de encerramento dos trabalhos escolares que se realiza no dia 31 do corrente, sendo nomeado o camarada Alexandre Assis.

Imediatamente e a requerimento de um delegado, entrou-se na ordem dos trabalhos, sendo lido o relatório da transaccão comissão administrativa, que desde Março p. p. se encontra elaborada e que devido à discussão de outros assuntos de maior urgência tem prejudicado a discussão do mesmo.

Após a sua leitura e ainda depois de se terem feito algumas referências e explicações sobre o capítulo «Os Tribunais de Arbitros Avidores e Desastres no Trabalho», foi o mesmo relatório aprovado por unanimidade, tendo sido nomeados para a comissão revisora de contas os camaradas Alberto Monteiro, António Gomes Ribeiro e Herculano Matos, respectivamente delegados dos sindicatos dos operários Alfaiates, S. U. Metalúrgico e Litógrafos.

O relatório, no seu relatório financeiro, acusa um saldo para Janeiro de 1921, de 941\$05.

Em seguida, e antes de se encerrar a sessão, discute-se a nota da C. G. T. tornada pública pelo órgão da classe operária na imprensa, tendo feito uso da palavra todos os delegados presentes, resolvendo-se oficializar a C. G. T. dando-lhe conhecimento das resoluções tomadas.

Estiveram representados os seguintes sindicatos: S. U. Metalúrgico, Operários Alfaiates, S. U. da Construção Civil, Marinheiros e Moços da Marinha Mercante, Fotógrafos, Pessoal do Depósito Central de Fardamentos, Litógrafos e Anexos, Manufatores de Calçado, S. U. Móvel, Empregados de Escritório, Correios e Manipuladores de Pão.

A sessão durou até às duas horas da madrugada.

**Na Rússia**

O sanatório internacional: na par para os literatos:

Em comemoração do décimo aniversário da morte de Tolstói, o comissariado de higiene pública abrirá na Crimeia um sanatório internacional para literatos. O sanatório será instalado na mesma casa que foi habitada por Tolstói em 1903, quando foi expulso da igreja ortodoxa. Anatole França, Romain Rolland e Wells serão convidados para as solenidades da abertura.



